

A MEMÓRIA EM LIMA BARRETO: UMA LEITURA DA CRÔNICA “MAIO” SOB O VIÉS DA NARRAÇÃO DE FATOS HISTÓRICOS

THE MEMORY IN LIMA BARRETO: A READING OF THE CHRONICLE “MAIO” FROM THE PERSPECTIVE OF NARRATING HISTORICAL FACTS

Brenda Aryane Serdeira, Unesp

73

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar uma leitura da crônica “Maio”, do escritor brasileiro Lima Barreto, a qual é alicerçada nas memórias do autor que vivenciou um fato histórico do país: a Abolição da Escravidão, ocorrida em treze de maio de 1888, na cidade do Rio de Janeiro, na mesma data em que o autor completava sete anos. Nesse sentido, buscamos compreender como se dá a narração dos eventos na crônica, escrita em 1911, sob o viés da memória dos fatos históricos. Para tanto, valemo-nos, entre outros, dos estudos de Walter Benjamin (1987), que discorre sobre o conceito de História; e Henri Bergson (1999). Para o estudo do autor, assim como do contexto histórico e social vivido por ele, utilizamos as reflexões de autores como Francisco de Assis Barbosa (1997/ 2017), Lilia Schwarcz (2017), Alfredo Bosi (2017) e Astrojildo Pereira (1964). Dessa forma, acreditamos na contribuição acadêmica, social e histórica da pesquisa, uma vez que aborda a crônica de um importante escritor da literatura brasileira, em uma perspectiva voltada para a narração de um importante fato histórico do país.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto, crônica, memória, história.

ABSTRACT

The aim of this article is to read the chronicle “Maio”, by Brazilian writer Lima Barreto, which is based on the memories of the author who experienced a historical fact in the country: the Abolition of Slavery, on May 13th, 1888, in Rio de Janeiro, the same date the author turned seven years old. In this sense, we seek to understand how the events are narrated in the chronicle, written in 1911, from the perspective of the memory of historical facts. Among others, we used the studies of Walter Benjamin (1987), who discusses the concept of History; and Henri Bergson (1999), on the issues of memory. To study the author, as well as the historical and social context he lived, we used the reflections of writers such as Francisco de Assis Barbosa (1997/ 2017), Lilia Schwarcz (2017), Alfredo

“A memória em Lima Barreto (...)”, de Brenda Aryane Serdeira
Metamorfozes, Rio de Janeiro, vol. 21, número 2, p. 73-92, 2024.



Bosi (2017) and Astrojildo Pereira (1964). Thus, we believe in the academic, social and historical contribution of the research, as it addresses the chronicle of an important writer of Brazilian literature, from a perspective focused on the narration of an important historical fact in the country.

KEYWORDS: Lima Barreto, chronicle, memory, history.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma leitura da crônica “Maio”, do escritor brasileiro Lima Barreto, em uma abordagem que visa à leitura do texto em uma perspectiva voltada para a narração de um fato histórico que o escritor vivenciou em treze de maio de 1888, exatamente no dia em que completou sete anos: a Abolição da Escravidão, momento fundamental para a história do Brasil. Nesse sentido, tendo como subsídio as reflexões acerca de Literatura, História, Memória e o papel da testemunha de fatos históricos, exploramos um texto escrito por Lima Barreto sobre um momento que ele, de fato, presenciou, aos sete anos e que, anos depois, resolve deixar relatado, na forma literária.

Este trabalho tem, portanto, caráter bibliográfico, com fundamentação teórica nos estudos de Walter Benjamin (1987), o qual discorre sobre o conceito de História, Henri Bergson (1999) para as questões da memória. Para o estudo do autor, assim como do contexto histórico e social vivido por ele, utilizamos as reflexões de Francisco de Assis Barbosa (1997/ 2017) e Alfredo Bosi (2017), entre outros. Dessa forma, acreditamos na contribuição acadêmica, social e histórica da pesquisa, uma vez que aborda a crônica de um importante escritor da literatura brasileira, em uma perspectiva voltada para a narração de um importante fato histórico do país.

Lima Barreto e a literatura brasileira

Lima Barreto (1881-1922) é, até hoje, um dos principais escritores da literatura brasileira, ainda que a qualidade literária de sua obra nunca tenha sido consenso na crítica. Compreender o autor é fundamental para que possamos entender a sua obra e, conseqüentemente, a crítica presente em seus escritos.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu a treze de maio de 1881 e enfrentou inúmeros problemas e situações pessoais já na infância, como a perda da mãe e uma falsa acusação de roubo, por exemplo, que contribuíram para o desenvolvimento de um

sentimento de melancolia e tristeza. Tal tom melancólico, revoltado, acompanha o autor e, nas palavras de seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, ele “reagirá sempre assim, com extremada violência, ante as injustiças do mundo e as incompreensões das pessoas que o cercam. Com violência às vezes desmedida e inconsequente” (2017, p. 53). Assim, o escritor passa a ser alguém preocupado em compreender o mundo e a sociedade que o rodeiam, usando as palavras como forma de crítica e, conseqüentemente, de denúncia.

No decorrer de sua curta vida, abalado por problemas familiares e da carreira, ele passou a beber e viver intensas crises depressivas, as quais o levaram duas vezes ao Hospício Nacional de Alienados, em 1914 e 1919. Em 1922, aos 41 anos de idade, morreu em casa, vítima de um colapso cardíaco. Embora tenha passado por inúmeras dificuldades, especialmente para a publicação e reconhecimento de suas obras, o fato é que Lima Barreto colaborou com jornais, revistas e deixou inúmeras crônicas, contos e romances que muito contribuem para o cenário literário brasileiro.

Sobre a literatura barretiana, valemo-nos dos estudos de Barbosa (2017), que destaca que, em agosto de 1902, o autor começa a colaboração com *A Lanterna*, um jornal de estudantes da Escola Politécnica, e tais contribuições em jornais e revistas seguem por vários anos. É em 1904 que Lima Barreto começa a escrever seu primeiro romance, que sofre inúmeras modificações e seria apenas publicado postumamente, *Clara dos Anjos*; no ano seguinte, começa a escrever aquela que seria sua primeira obra publicada, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Desde o primeiro livro, comercializado em dezembro de 1909, o escritor foi duramente criticado.

Tais críticas aos procedimentos narrativos de Lima Barreto se repetem em comentários posteriores, demonstrando que, ao se afastar dos padrões literários que estavam em voga na época, o autor pagou um preço alto. Até Antonio Candido, um dos principais críticos literários do país, faz duras considerações à obra do carioca em alguns momentos, como no ensaio “Os olhos, a barca e o espelho” (1989), em que afirma que o autor funde problemas pessoais e sociais na sua escrita, destacando o quanto tal construção afeta a realização do escritor.

Ademais, em *Presença da Literatura Brasileira*, Antonio Candido e José Aderaldo Castello (1974), ao comentarem acerca da ficção do escritor carioca, também apontam defeitos em suas produções, destacando um caráter “panfletário” nas obras, em que se fazia “excessivamente presente”. É interessante, nesse viés, pensarmos na afirmativa do ensaio “O significado de Lima Barreto em nossa Literatura”, de 1972, escrito por Carlos Nelson Coutinho, de que a fortuna crítica de Lima Barreto desperta reações contraditórias, que são ou de entusiasmo de alguns leitores ou de rejeição de boa parte deles.

Por outro lado, Astrojildo Pereira é um dos críticos elogiosos ao autor e afirma que Lima Barreto é um dos maiores romancistas da literatura brasileira, destacando, por exemplo, a consciência diante dos problemas do país e o caráter observador da realidade, que se preocupou com os problemas nacionais em sua totalidade. Nas palavras do crítico:

Lima Barreto não era tampouco um artista de tipo estritamente jornalístico, mas um escritor seguro de si e da sua obra, que se servia das páginas de jornais e revistas para opinar, criticar, protestar e, a par disso, frequentemente, registrar suas reminiscências e confissões pessoais. Sem ser um panfletário profissional, imprimia a muitos dos seus artigos a feição de áspera crítica política e social, e fazia da sátira de costumes uma arma permanente de combate (Pereira, 1963, p. 37-38).

O autor segue escrevendo até seus últimos dias de vida, e, da produção literária que dá sequência aos romances de Lima Barreto, ressaltamos *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em periódico em 1911, e como volume, em 1915; a publicação, em folhetins, pelo jornal *A Noite*, de *Numa e a ninfa*, e a comercialização de *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, em 1919. Outras obras, como *Clara dos Anjos*, *Os Bruzundangas* e a inacabada *Cemitério dos Vivos*, seriam publicadas como livros postumamente.

Sobre o contexto histórico, Lima Barreto está, para colocar de forma didática, inserido no período pré-modernista da literatura brasileira. Segundo Massaud Moisés (2008), o termo foi criado por Tristão de Ataíde para designar o momento literário e cultural do país que vai desde o início do século XX até a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922. Moisés (2008, p. 335-6) ressalta que “Quanto ao romance, a publicação de *Canaã* em 1902 e das obras de Lima Barreto indicam uma tomada de consciência dos aspectos morais e políticos mais interessantes da República Velha”. Para completar o entendimento acerca do Pré-modernismo, ele ainda é definido como “[...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (Bosi, 2017, p. 327). Ainda segundo o professor, as obras dos escritores pré-modernistas são responsáveis por “[...] mover as águas estagnadas da belle époque, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional”. (Bosi, 2017, p. 327).

Embora ainda se utilize o termo “pré-modernista” para definir o período literário em que Lima Barreto escreveu, tal definição é, atualmente, problemática, pois o autor avança em vários procedimentos, como linguagem e sátira, por exemplo, que são características modernas. Para completar esse entendimento, são válidas as palavras de Gabriel Chagas, pesquisador da obra do autor, que afirma que “[...] o nosso autor foi moderno e

talvez ainda mais ousado do que em geral se pensa, mesmo que a historiografia de nossa Literatura o tenha confinado à posição injusta de Pré-modernista” (Chagas, 2023, p. 102). Cabe destacar que Lima Barreto era contra a literatura que estava em voga na época, o Parnasianismo, vista como “superficial”, e sentia falta de escritos que analisassem a realidade brasileira, pois para ele, citando Oakley, em *Lima Barreto e o destino da literatura*, “[...] a literatura brasileira contemporânea carecia de humanidade, de uma análise da atualidade brasileira e de uma qualidade épica” (2011, p. 28).

Outra discussão pertinente sobre a obra de Lima Barreto é o fato de haver nela uma amplitude de temas, como aponta Nicolau Sevckenko (1999) no estudo “Lima Barreto e a ‘República dos Bruzundangas’”, o qual afirma que, através dos escritos barretianos, construímos uma espécie de “mosaico” da chamada Belle Époque. Nas palavras do professor, “verifica-se nele o mesmo anseio de revelar em seus textos um retrato maciço e condensado do presente, carregado do máximo de registros e notações dos vários níveis em que o saber do seu tempo permitia captar e compreender o real” (1999, p. 161). As preocupações de Lima Barreto, portanto, envolviam uma arte literária capaz de transmitir os acontecimentos, problematizá-los. Nas palavras de Pereira: “Limitamo-nos a buscar o seu pensamento e definir a sua posição de escritor do povo em face dos grandes problemas contemporâneos” (1963, p. 540). Assim, o autor reage aos acontecimentos através da escrita.

Na atualidade, estudar a obra de Lima Barreto justifica-se por sua crítica relevante, com contribuições necessárias para a compreensão de um país que enfrentava inúmeras mudanças políticas, sociais e econômicas, sempre observadas, comentadas e registradas pelo escritor, como destaca Beatriz Resende, uma das principais estudiosas da obra do autor:

No caso de Lima Barreto, a tarefa da crítica contemporânea é, sobretudo, de resgate de uma obra cuja importância nem os ocultos senhores de cartola de seu tempo nem os eufóricos modernistas conseguiram perceber. Essa revalorização da crítica teve início com a publicação de suas obras completas por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, mas muito lhe deve ainda a intelectualidade brasileira (Resende, 2017, p. 17).

A partir dessas reflexões – de que Lima Barreto era um escritor observador dos problemas do país, sempre atento aos acontecimentos –, motivamo-nos, nesta pesquisa, a analisar uma das crônicas do autor, referente a um importante fato histórico, que ele vivenciou e registrou: a Abolição da Escravatura, retratada na crônica “Maio”.

Lima Barreto e a crônica

No que concerne às crônicas do escritor, destacamos a forte relação de Lima Barreto com o jornal, desde a época que era estudante da Politécnica, em 1903, quando colaborou com os jornais *Tagarela* e *O Diabo*, além de ter sido redator da revista *Fon-Fon!*, em 1907. Em 1918, sob o pseudônimo de Dr. Bogoloff, publicou uma série de crônicas. Salientamos, conforme os estudos de Negreiros (2019), a estigmatização do gênero, que já foi visto como menor. Tal estigmatização começa a mudar no início do século XX, por conta de fatores como, por exemplo, o aperfeiçoamento da imprensa, a profissionalização do escritor e a valorização do leitor. Além disso, nas palavras da estudiosa:

O aperfeiçoamento da imprensa, na *Belle Époque*, garantiu maior agilidade na distribuição e produção de jornais, revistas e anúncios publicitários que se espalhavam pela cidade. Alguns aspectos técnicos como a importação de máquinas, o incentivo à importação de papel, o incremento de recursos visuais como os serviços fotográficos, o clichê em cores, a linotipia, entre outros, representam estratégias para atração do público consumidor (Negreiros, 2019, p. 16).

Todavia, apesar dos recursos e incorporações técnicas, ainda existiam tensões, pois os editores estavam preocupados com as questões mercantis e buscavam, portanto, escritores vendáveis. Para finalizar o entendimento acerca das crônicas e a relação com o jornal, temos, nas palavras de Negreiros que:

Se o jornalismo realiza a aproximação necessária entre a escrita e o leitor, a crônica encontra terreno fértil e rico para a sua disseminação e utiliza recursos que produzem, como as tecnologias vigentes, o mesmo efeito na estrutura da experiência dos leitores: choque, encantamento e, sobretudo, orientação para experimentar novas sensibilidades e lidar com os intensos deslocamentos de tempo e espaço (Negreiros, 2019, p. 18).

Assim, na medida em que o jornal, na época em que Lima Barreto escreveu e viveu, desempenhava um papel importante na formação de leitores, e a crônica analisada nesta pesquisa foi originalmente publicada em um jornal carioca, destacamos a importância do veículo de comunicação para a produção barretiana. É importante frisarmos, ainda, que o escritor de *Numa e a ninfa* criticava e atacava a esfera jornalística em diversos escritos. Tal temática não será abordada na presente pesquisa, uma vez que o objetivo é estudar

uma crônica com outra temática, sendo o jornal relevante enquanto local de publicação e divulgação, mas não objeto da crítica.

Ainda de acordo com os estudos de Negreiros (2019), no começo do século XX, os cronistas introduzem novos elementos da cidade, os processos de modernização, em um papel de “cartão postal” da cidade. No caso de Lima Barreto, destacamos que ele é um observador constante e vê a cidade em múltiplas perspectivas. Nas palavras de Negreiros (2019, p. 27), o olhar do cronista é “[...] como uma câmera”; e uma das estratégias é que “[...] em meio à narração da cena banal do cotidiano introduz-se uma dura crítica social que perpassa uma reflexão além da situação visível” (Negreiros, 2019, p. 30).

Outro estudo importante sobre a crônica de Lima Barreto é de Beatriz Resende (2020), que também aponta o olhar observador do autor, sobretudo sobre a cidade do Rio de Janeiro, sempre destacando suas modificações, seus habitantes e costumes. Assim, segundo ela:

O percurso que os trens do subúrbio com seus passageiros atravessa, as ruas desordenadas e mal calçadas, a população de hábitos simples, as famílias dos funcionários públicos subalternos, de operários, de desempregados, tudo isso foi, por muitos anos, narrado unicamente pela literatura desse nosso fundamental cronista do Rio (Resende, 2020, p. 21).

Lima Barreto nos deixou, portanto, inúmeras crônicas, com os mais variados temas, como corrupção, ganância, preconceito racial, mudanças na cidade do Rio de Janeiro, assuntos literários, jornalísticos, além de, muito observador, ter comentado diversos assuntos mundiais dos quais tinha conhecimento, como a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e a Revolução Russa, em 1917. Ademais, deixou relatos dos mais variados acontecimentos presenciados, como as eleições presidenciais do período em que viveu; a Revolta da Armada, ocorrida em 1893, e um importante fato histórico que vivenciou quando ainda menino: a Abolição da Escravidão.

Literatura, narração de fatos históricos, memória e testemunho

Discorrer sobre questões que envolvem memória, fatos históricos e literatura parece-nos, à primeira vista, assunto complexo. A fim de delimitar nosso objetivo nesta pesquisa, estabeleceremos, com base nos estudos de Rodrigues (2012), que a literatura é uma fonte de memória alternativa, afinal nem sempre o discurso histórico representa

a realidade em sua totalidade, pois sabemos que o produtor do discurso não conhece os fatos em sua totalidade ou de todos os pontos de vista. Assim, valemo-nos do conceito de História de Walter Benjamin (1987, p. 224), o qual afirma que “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

Assim, adotando a perspectiva de Benjamin, temos que a literatura não está alheia aos fatos históricos, ou seja, pensamos no artista como um “ser social” que habita determinado tempo e espaço, o que pode influenciar a sua produção – caso, justamente, de Afonso Henriques de Lima Barreto, autor da crônica analisada neste trabalho. Como já dissemos, Lima Barreto se preocupava com a produção de uma literatura engajada com os problemas de seu tempo e, nesse sentido, era um observador e crítico do meio em que viveu. Portanto, tendo em vista a relação existente entre literatura e história, observamos que a literatura contribui para a reconstrução de um passado; por outro lado, não podemos confundi-la com um discurso “qualquer”, ou seja, precisamos reforçar o ser caráter artístico. Para completar esse entendimento, nas palavras de Rodrigues:

Não se deve, entretanto, pensar a obra literária como um documento como outro qualquer. Ela é indício, não certeza; ela apresenta possibilidades que podem corresponder à realidade dos fatos ou não; ela apresenta um discurso alternativo, o que nos leva a outro caráter da literatura: seu caráter alegórico (Rodrigues, 2012, p. 88).

Dessa forma, tendo em vista o discurso literário, frisamos que a palavra literária difere, sim, do discurso histórico, na medida em que, por mais que tenhamos um fato ou acontecimento que condiciona os escritos, há também a subjetividade e o arranjo estético, aspectos que serão contemplados na análise da crônica.

Sobre a memória, por meio dos estudos de Henri Bergson (1999, p. 247), afirmamos que, através dela, é possível compreender o presente, pois ela “Prolonga o passado no presente”, ou seja, evoca as percepções passadas, partindo de algo que está no presente: “[...] é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensorio-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere a vida” (Bergson, 1999, p. 179). Outra questão importante quanto ao estudo da memória diz respeito à escolha, à subjetividade daquele que narra as reminiscências, selecionando, portanto, aquilo que interessa. Portanto, entendemos que primeiro as lembranças surgem, suscitadas por algo presente; são evocadas, recordadas; e, finalmente, selecionadas e interpretadas. Para completar este entendimento, nas palavras do filósofo francês: “[...]”

nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (Bergson, 1999, p. 116).

Outro conceito sobre o qual julgamos importante discorrer é o de testemunho, na medida em que diremos, e lemos em vários estudos, que Lima Barreto escreve um testemunho com a crônica “Maio”. Destacamos que a questão do testemunho envolve a subjetividade daquele que vivenciou os fatos e tem uma liberdade de escolha sobre aquilo que deseja narrar, contar e externar, através das palavras, mas envolve também o compromisso com aquilo que é colocado. Além disso, ao discorrer sobre a escrita de testemunho em Graciliano Ramos, Alfredo Bosi (1995) abre importantes discussões acerca do tema, que podem ser utilizadas, também, para pensarmos nos escritos barretianos. Questiona o crítico: “Como a memória dos fatos históricos se fez construção literária pessoal sem descartar seu compromisso com o que vulgarmente se entende por realidade objetiva?” (Bosi, 1995, p. 309). Nesse sentido, o testemunho vale-se de uma questão bifronte: nem ficção, nem historiografia. Além disso, é importante frisarmos que a testemunha é, também, uma observadora da realidade e dos fatos que vivencia, externados em primeira pessoa, ou seja, com subjetividade. Nas palavras de Bosi (1995, p. 311), “A escrita do testemunho tem a ver com essa voz-em situação”.

Nesse sentido, outro estudo importante é o de Michel-Rolph Trouillot, intitulado *Silenciando o passado: poder e a produção da história* (2016). Nele, o autor reflete sobre o fato de que qualquer lugar e qualquer pessoa podem apresentar questões à história, refletindo especialmente, como o título sugere, sobre as relações de história e poder, ou seja, demarcando que nem todos os sujeitos têm acesso aos meios da produção das narrativas históricas, o que deve ser levado em conta na análise da crônica de Lima Barreto. O autor frisa que:

A história é fruto do poder, mas o próprio poder nunca é transparente a ponto de sua análise ser supérflua. A marca infalível do poder pode bem ser sua invisibilidade; o desafio inescapável será expor suas raízes (Trouillot, 2016, p. 18).

Fundamental, também, é levar em conta a seguinte asserção do estudioso: “Seres humanos participam da história não apenas como atores, mas também como narradores” (Trouillot, 2016, p. 20). É exatamente essa a participação de Lima Barreto, ao escrever a crônica: narrar a história. Assim, na análise que será feita na próxima seção, será possível perceber que ele não apenas vivenciou aquele acontecimento, isto é, foi um ator, como propõe o estudioso, como também narrou o evento, anos depois, deixando-o registrado na forma literária. Outro ponto fundamental colocado por ele e com o qual concordamos

é que existe uma ambivalência em relação ao uso da palavra “história”. Na formulação do antropólogo haitiano:

No uso vernáculo, história significa tanto os fatos em questão quanto uma narrativa sobre esses fatos, tanto “o que ocorreu” quanto “aquilo que se diz ter ocorrido”. O primeiro significado enfatiza o processo sócio-histórico; o segundo, nosso conhecimento desse processo ou uma estória sobre esse processo (Trouillot, 2016, p. 21).

Além disso, há reflexões fundamentais sobre a questão do “poder” que foi, por muito tempo, esquecida ou deixada de lado, isto é, havia uma percepção de que, ao revelarmos o passado, não importavam tais relações de poder, apenas os fatos. Por outro lado, hoje o cenário já mudou e é importante pensarmos em outras relações, ou seja, nas narrativas, em como se deu o processo para que os vencedores contassem suas histórias. Em suma: “Se a história é tão-somente a estória contada pelos vencedores, como é que eles chegaram a vencer? E por que nem todos os vencedores contam a mesma estória? (Trouillot, 2016, p. 26). O questionamento se faz fundamental, pois temos, no texto, a visão de Lima Barreto colhendo as próprias memórias do acontecimento e tentando, justamente, compreender esse processo.

A credibilidade do que é narrado também é uma questão central para o estudioso:

A demanda por um tipo diferente de credibilidade separa a narrativa histórica da ficção. Essa demanda é ao mesmo tempo contingente e necessária. É contingente na medida em que algumas narrativas avançam e retrocedem por sobre a linha que separa ficção e história, enquanto outras ocupam uma posição indefinida, que parece negar a própria existência de uma linha (Trouillot, 2016, p. 21).

Nesse sentido, o texto barretiano narra um evento que é verdadeiro, que tem credibilidade e já é amplamente estudado. O que o texto do autor faz é evocar as suas memórias do dia treze de maio de 1888, em uma tentativa de tentar organizá-las e compreendê-las, quase três décadas depois. Especialmente no que diz respeito à liberdade, é fundamental pensarmos que, no momento em que aconteceu a assinatura da Lei, o sentimento coletivo de liberdade tomou conta da população, inclusive do então menino Lima Barreto. Anos depois, ao refletir sobre o que seria essa liberdade e sobre como a ideia aparentemente está distante da realidade, conforme veremos na próxima seção deste artigo, o que o autor faz é uma tentativa de entender as credibilidades daquelas narrativas que circularam no século XIX.

Outra dimensão a ser levada em conta é a da memória. Nas palavras do estudioso,

[...] memórias são representações isoladas armazenadas num armário, cujo conteúdo é geralmente acurado e acessível a todos. Pesquisas recentes contestaram todas essas suposições. Lembrar nem sempre é um processo de invocar representações sobre o que aconteceu (Trouillot, 2016, p. 39).

Ele complementa ainda que “O indivíduo só pode recordar o que se lhe revela de um evento, mas não o próprio evento (Trouillot, 2016, p. 40). Assim, Lima Barreto não recorda a assinatura da Lei Áurea em si, mas aquilo que ele sentiu, o que lembra daquilo, as suas impressões. Nesse sentido, “Sua subjetividade é parte integral do evento e de qualquer descrição satisfatória dele” (Trouillot, 2016, p. 54).

É importante frisarmos que, quando pensamos em testemunho, algumas vezes pensamos que tais fatos foram traumáticos, o que não é o caso do texto de Lima Barreto aqui estudado. A escravidão no Brasil, esta sim foi um evento traumático, que também deixou escritos e testemunhos. Naquele dia, entretanto, o escritor festeja o acontecimento, ressaltando que, até então, não conhecera uma pessoa escrava; ou seja, ele é testemunha daquela data, da assinatura da Lei, mas não do fato que a lei abolira.

A memória na escrita de Lima Barreto

Nesta seção, faremos a leitura da crônica “Maio”, de Lima Barreto. Antes de avançarmos para a narrativa, destacamos que, muitas vezes, Lima Barreto foi diminuído pela crítica literária, tido como memorialista, ou com escritos demasiado carregados de impressões pessoais, características tidas como defeitos graves, como afirmado por José Veríssimo após a publicação do primeiro romance. Não é objetivo deste trabalho, especificamente, tratar da escrita memorialística do autor, especialmente de seus romances, mas, sim, realizar a leitura de uma de suas crônicas, valendo-se da memória dos fatos que vivenciou quando criança e posicionando-se sobre um dos momentos mais importantes da história do Brasil, ocorrido no fim do século XIX e anos depois reconstituído através da memória e da literatura.

Leitura da crônica Maio: o viés literário e histórico

A crônica “Maio”, escrita em quatro de maio de 1911, remete a um acontecimento de 22 anos antes: a Abolição da Escravidão no Brasil, ocorrida em treze de maio de 1888. O es-

critor, nascido no mesmo dia, sete anos antes (1881), comemorou os dois fatos, o aniversário e a assinatura da lei. Como aponta o biógrafo do autor sobre os acontecimentos daquele ano:

Aos 7 anos, Afonso assistiu com o pai aos festejos da Abolição. A princesa Isabel assinara a Lei Áurea no dia do seu aniversário. João Henriques levou o filho ao Largo do Paço e à missa do Campo de São Cristóvão, para testemunhar o grande acontecimento. O menino ficou deslumbrado. *Mais tarde, reconstituiu todas aquelas impressões que lhe ficaram, confusas e desordenadas, numa página de memória, que vale por um precioso testemunho* (Barbosa, 2017, p. 55, grifo nosso).

Como destacamos, anos depois de presenciar o acontecimento, o escritor rememora os fatos que testemunhou, ainda que as memórias estejam desordenadas: são as impressões de Lima Barreto sobre o fato, ou seja, ele não se volta para o fato em si, mas o que lembra deles, o que sentiu. Passaremos agora para a leitura da crônica. No início do texto, observamos aquilo que oferece motivação para a escrita e é o provável motivo para evocação das lembranças, presente no título à narrativa: o mês de maio.

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. [...] Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice (Barreto, 2020, p. 28).

Percebemos que é o próprio Lima quem nos fala sobre as recordações, os fatos de sua “meninice”, revelados no parágrafo seguinte: “Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço” (Barreto, 2020, p. 28). As lembranças continuam:

Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky-scraper*; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio (Barreto, 2020, p. 28).

No trecho acima, temos a espacialização, ou seja, Lima Barreto situa para o leitor que ele estava no centro do Rio de Janeiro; e, observador, faz questão de ressaltar as mu-

danças ocorridas no decorrer de mais de duas décadas, além de destacar a presença de um homem. O parágrafo que se segue é importante na medida em que percebemos, através do relato, que Lima não se lembra, com precisão, de todos os acontecimentos que vivenciou, ou seja, as memórias são fragmentadas, incertas, como costuma acontecer quando narramos um fato histórico, pois o autor tenta organizar os eventos através da rememoração daquilo que sentiu.

O relato continua: “Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...” (Barreto, 2020, p. 29). No trecho, fica evidente a carga emocional e simbólica dos acontecimentos que Afonso presenciava: muitas pessoas festejavam e enalteciam o fato, dentre as quais a princesa Isabel, personagem importante e problemática deste capítulo da história do país. Na medida em que a narração de Lima Barreto, ainda que saibamos que ele testemunhou o fato, dá-se sob um viés literário e de memória infantil, julgamos necessário apontar alguns fatos documentados para melhor compreender o momento histórico retratado no texto.

Segundo os estudos de Schwarcz (2017), o momento da Lei Áurea fora muito aguardado, afinal demorou demais e, quando, finalmente, aconteceu, foi de forma rápida. Nas palavras da estudiosa:

O projeto de lei que extinguiu a escravidão foi aprovado no dia 10 de maio na Câmara e no dia 13 no Senado, quando se promulgou a lei 3353. O texto tinha apenas duas linhas: ‘É declarada extinta desde a data desta a lei da escravidão no Brasil. Revogam-se as disposições em contrário’. A lei custara tanto a sair e vinha assim, tão breve. [...]

O imperador estava no exterior, adoentado, e as versões variavam: para alguns, Isabel se adiantara por medo de o monarca não tivesse tempo de libertar os escravos. Para outros, era questão de cálculo político mesmo, e o ato visava garantir a existência de um Terceiro Reinado, o qual, como sabemos, nunca vingou – assinando o ato, a filha do soberano acabaria como ‘autora’ das duas maiores leis abolicionistas: a do Ventre Livre e a Áurea. [...]

Ao fim e ao cabo, a princesa conseguiu a proeza de decepcionar diferentes lados: os senhores, que queriam indenização pelas ‘perdas’ em seu capital, os abolicionistas e ex-escravos, que pretendiam ver concretizados projetos mais amplos de inclusão dos

libertos na sociedade que então se reorganizava (Schwarcz, 2017, p. 62).

Ainda que permeada de polêmicas, constatadas anos mais tarde, naquele momento, o ato de assinar a lei foi festivo e mobilizou a população. Outro ponto interessante diz respeito ao fato de os jornais da época registrarem diferentes números referentes à quantidade de pessoas nas ruas naquele dia: A *Gazeta de Notícias* apontou que compareceram mais de 30 mil pessoas¹, enquanto *O Paiz* noticiou apenas 15 mil pessoas², o que atesta que as fontes históricas não estão livres de imprecisões.

Voltando à crônica, o clima de festa chega ao nosso futuro escritor, em sentimentos que ficariam para sempre marcados nele: “Jamais, na minha vida, vi tanta alegria” (Barreto, 2020, p. 29). Lima recolhe as lembranças 22 anos depois e, ainda àquela altura, a sua maior alegria vista e sentida havia sido proporcionada por aquele momento. As celebrações e as lembranças continuam:

Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “Primeira Missa”, de Vitor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... (Barreto, 2020, p. 29).

No trecho há nova espacialização, com uma chamada de atenção para a presença do pai. Como já dissemos, a relação do escritor com o pai foi conturbada, contudo, durante a infância de Afonso, João Henriques se fez presente na vida do filho e, em certa medida, ensinou-o a observar a realidade, a participar de acontecimentos importantes e decisivos do país. Novamente, o escritor explicita que suas recordações não são muitas, mas a lembrança que fica é significativa, na medida em que faz referência a outros momentos históricos fundamentais do país: a “descoberta”, de 22 de abril de 1500; e a “primeira missa”, celebrada em 26 de abril de 1500. Na crônica, a lembrança é em especial desse segundo acontecimento, evocado pela pintura de Vitor Meireles, seguida da analogia com a descoberta. O momento era, para o menino Afonso, uma redescoberta da própria nação, momento emblemático e significativo. Nas linhas que seguem, verificamos uma reflexão do Lima Barreto já adulto sobre o que presenciara naquele aniversário de sete anos:

Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de

¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 maio de 1888. In: Schwarcz, 2017, p. 67.

² *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 maio de 1888. In: Schwarcz, 2017, p. 67.

Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão (Barreto, 2020, p. 29).

No trecho fica evidente que, por mais que o momento fosse importante e significativo para o menino, ele não tinha a consciência do escritor da crônica, adulto e vítima de preconceito racial, ao longo dos anos que seguem à assinatura da Lei. Lima Barreto denunciava o preconceito racial e tais temas foram também tratados com muita atenção em sua obra como contista e romancista. Na crônica, percebemos as palavras que são usadas, como “cativeiro”, “horror” “injustiça” e “vexatória instituição”, que denunciam as mazelas da escravidão do país. As escolhas vocabulares de Lima Barreto aproximam sua visão da escravidão da de Abdias Nascimento (2016, p. 57), que a define como “o maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassa qualquer outro da história da humanidade”. As reflexões que seguem o trecho demonstram o otimismo do menino Afonso, que acreditava em uma consciência coletiva e que o clima de festa evidenciado por ele era de toda a população; porém, sabemos que, infelizmente, tal consciência coletiva não fez parte do sentimento nacional.

Para completar o entendimento acerca da escravidão no país e seus impactos no futuro, ouçamos as palavras de Schwarcz:

No entanto, um país não passa impunemente pelo fato de ter sido o último a garantir a vigência de um modelo de trabalho que pressupõe a posse de um homem por outro. [...] A escravidão não foi apenas um tipo de mão de obra, ou um detalhe da nossa economia. Ela criou um modo de ser e estar na sociedade: uma linguagem social com graves consequências. Essa é, pois, uma história coletiva, mas também individual porque traz os dramas de cada pessoa e de cada família. Nesse sentido, ela atingirá em cheio a vida dos Barreto e a literatura de Lima, que jamais abriu mão de denunciar as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigentes. Ao mesmo tempo, e já como escritor, Lima Barreto nunca desistiu do que aprendeu e lembrou (Schwarcz, 2017, p. 26).

Valemo-nos também dos estudos de Abdias do Nascimento para reforçar a importância de testemunhos e de uma literatura de denúncia, na medida em que muitos fatos históricos da escravidão se perderam:

É quase impossível estimar o número de escravos entrados no país. Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas, principalmente, consequência da lamentável Circular n. 29, de 13 de maio de 1891, assinada pelo ministro das finanças, Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos em geral. As estimativas são, por isso, de credibilidade duvidosa (Nascimento, 2016, p. 58).

Mas voltemos ao ano de 1888. As alegrias do momento se estendem e o menino vai à escola, onde o sentimento era o mesmo: as crianças acreditavam na liberdade, ainda que não entendessem por completo o que a lei significava ou o que ela alcançaria em termos de direitos, conforme exemplifica o trecho: “Quando fui para o colégio, um colégio público, à Rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado” (Barreto, 2020, p. 29). Aqui, mais uma vez, a lembrança de Lima Barreto, que evoca coletivamente a dos colegas de classe, provavelmente da mesma faixa etária dele, demonstra o sentimento feliz, de expectativas de mudança que rodeava a população, sem saber, entretanto, que pouco mudaria na estrutura social do país, décadas depois.

Um aspecto de destaque na escola é a presença da professora, que Lima tanto estimou: “A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito deve o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa” (Barreto, 2020, p. 30). A significação, para o menino, era otimista e ele acreditava na liberdade, ao afirmar: “Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia” (Barreto, 2020, p. 30). Mais uma vez, o então garoto de apenas sete anos idealiza uma realidade que não se concretiza. O otimismo cede espaço ao pessimismo e à crítica do escritor: “Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!” (Barreto, 2020, p. 30).

Sempre atento e crítico, é apenas anos depois que o autor consegue traçar um panorama mais realista do momento, que fora, sim, carregado de simbolismo e festa, mas que não atingiu e entregou aquilo que era esperado. Por isso a importância da consciência do autor, capaz de problematizar especialmente o termo “Liberdade”. Mesmo após

séculos de lutas e de conquistas, a assinatura de uma Lei, carregada de pressões políticas e controversas, demonstra que a sociedade, por meio de suas políticas públicas, ainda não tinha sido capaz de combater o preconceito e a desigualdade. Além da importância histórica que a crônica apresenta, outro aspecto, agora pessoal, individual, do escritor, é evidenciado: a lembrança de um jornal, que emociona o menino e futuro escritor:

Dos jornais e folhetos distribuídos por aquela ocasião, eu me lembro de um pequeno jornal, publicado pelos tipógrafos da Casa Lombaerts. Estava bem impresso, tinha umas vinhetas elzevirianas, pequenos artigos e sonetos. Eu me lembro, foi a minha primeira emoção poética a leitura dele. Intitulava-se ‘Princesa e Mãe’ e ainda tenho a memória um dos versos (Barreto, 2020, p. 30).

No trecho, percebemos a importância que o momento teve também na trajetória de Lima Barreto como leitor e escritor, pois o fato fora tão marcante a ponto de ser lembrado em detalhes, tantos anos depois, que ele faz questão de o destacar, utilizando duas vezes o verbo “lembrar”, e comentando que ainda sabia de memória alguns dos versos. Assim, além de ser um momento em que várias pessoas estiveram presentes, afinal fora um fato histórico importante para a memória coletiva do país, o escritor também o individualizou, evocando aspectos subjetivos. Além disso, sabemos que o menino, anos mais tarde, tornou-se leitor das mais variadas obras da literatura e escritor. Ao pensarmos nas palavras dele, de que a leitura foi a primeira emoção poética do menino de apenas sete anos, atestamos a importância do momento.

Outra questão a ser analisada é que, na recordação do episódio feita posteriormente, chama atenção o pessimismo de Lima Barreto. Ao evocar as lembranças do momento, há menção ao clima festivo, otimista, das celebrações; já à época da escrita da crônica, por outro lado, o autor é pessimista e sente saudade daquele momento em que poderia comemorar e sonhar com um futuro melhor e igualitário:

São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer (Barreto, 2020, p. 30).

Ao fim da crônica, o autor se volta para o presente e para o seu ofício: “E maio volta... [...]. O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à mar-

cha da Terra, volta” (Barreto, 2020, p. 31). Refletindo sobre o mês, o texto termina com a mesma ideia com que começou, qual seja, de que as lembranças, recordações e saudades fazem parte da vida, além de enfatizar as dualidades dos ser: “E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeza e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados...” (Barreto, 2020, p. 31).

Lima Barreto morre onze anos depois de escrever essa crônica, deixando-nos um rico relato de um dos momentos mais marcantes da história nacional, que vale, mais de um século depois, como poderoso instrumento de leitura, debate e análise, demonstrando, assim, a importância da literatura. Assim, percebemos como “[...] o 13 de maio ficaria gravado como data simbólica na memória de Lima. Seria vivenciado, como vimos, primeiro como uma alegria infantil, depois como promessa, e por fim como desilusão e infortúnio” (Schwarcz, 2017, p. 54).

Por meio da crônica, percebemos a recepção do acontecimento histórico pelo escritor, ou seja, como ele filtra, interpreta, amplia e debate a memória de algo que viveu quando criança. Afinal, a questão da Abolição ainda era, até mesmo, uma ideia abstrata para o menino, que deixa explícito que não entendia, naquela época, a dimensão do que significava a Lei ou a Escravidão. Contudo, em 1911, devido à consciência crítica em seus escritos, além de ser esse um tema de preocupação pessoal e coletiva, ele consegue problematizar questões que nos são, até hoje, pertinentes para a compreensão do país.

Considerações finais

Ao analisar a crônica “Maio”, de Lima Barreto, foi possível evidenciar a narração de um importante acontecimento histórico do país: a Abolição da Escravatura. O fato histórico é narrado em 1911, ou seja, 22 anos depois, pelo autor carioca, que presenciou o acontecimento, coincidentemente ocorrido no dia do seu aniversário de sete anos. Nesse sentido, evidenciamos que a crônica funciona como um testemunho do fato, mas não está livre das intervenções da subjetividade do autor, que deixa marcas pessoais em sua narração. Além disso, não identificamos o testemunho de fatos traumáticos, pois o então menino Afonso Henriques deixa claro que o momento fora festivo e que, naquela altura, **não conhecia pessoas que sofreram com a escravidão.**

Por outro lado, juntando suas memórias duas décadas depois, observamos um Lima Barreto ressentido, abatido e pessimista em relação à condição brasileira, pois a

prometida liberdade não mantivera a carga otimista do momento. Assim, na medida em que o escritor tinha uma preocupação com o tema do racismo e dedica páginas de sua literatura para o assunto, temos nessa crônica, portanto, a visão dele enquanto criança otimista, em contraponto com o adulto crítico e ressentido. No que diz respeito à memória, destacamos que ela foi suscitada por algo do presente, ou seja, a chegada do mês de maio do ano de 1911, que faz o escritor reavivar suas lembranças. Observamos, ainda, que ele não foi capaz de relembrar de todos os acontecimentos que envolveram aquela data, mas sim aqueles que, em certa medida, foram mais significativos. Com este estudo sobre a memória e a narração de fatos históricos na literatura, evidenciamos, na crônica “Maio”, de Lima Barreto, o registro de um importante momento do país, no fim do século XIX, sob a forma de texto literário.

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Recordações do escritor Isaiás Caminha**. São Paulo: Publifolha, 1997.

_____. **A Vida de Lima Barreto: 1881-1922**. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARRETO, Lima. **Cronista do Rio**. Org. Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2020.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

BOSI, Alfredo. (1995). A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. **Estudos Avançados**, 9(23), 309-322. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8862>. Acesso em 10 ago. 2021.

_____. **História concisa da Literatura Brasileira**. 52.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CHAGAS, Gabriel. **Pérolas negras da periferia: personagens femininas de Langston Hughes e Lima Barreto**. Prefácio de Beatriz Resende. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NEGREIROS, Carmem. **Crônica**. In: _____. Lima Barreto em quatro tempos. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

PEREIRA, Astrojildo. Posições políticas de Lima Barreto. In: _____. **Crítica impura (Autores e problemas)**. Editora Civilização Brasileira S.A: Rio de Janeiro, 1963.

RESENDE, Beatriz. Com Lima Barreto, pelas ruas do Rio. In: BARRETO, Lima. **Cronista do Rio**. Org. Beatriz Resende. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2020.

RODRIGUES, I. A. LITERATURA E MEMÓRIA: LIMA BARRETO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NACIONAL. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo-Dossiê**, Janeiro de 2012- ISSN 1679-84X. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpes-qla/revista/dossie06/>. Acesso em 15 ago. 2021.

ROSENFELD, A. A obra romanesca de Lima Barreto. In: _____. **Letras e Leituras**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. 1 ed. Curitiba: Huya, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.